

Homenagem do Brasil a um Grande Estadista da América

Parecer do Senador Flávio Guimarães que autoriza a criação de um monumento em memória de SIMON BOLÍVAR.

veado unanimemente o parecer pela Comissão de Educação e Cultura do Senado Federal.

O projeto em apreço tem por finalidade autorizar o Governo Federal a mandar erigir um monumento à memória de Simon Bolívar, a figura maravilhosamente romântica e distintamente política, da conturbada vida sul-americana, em perpétuo alvoreço.

O alto e profundo sentido espiritual da homenagem brasileira precisa, tão sinteticamente quanto possível, ser traçado no sonho iluminado e profético de Bolívar, no Congresso Pan-Americano, reunido no Panamá, em 1826 a cuja convocação Bolívar estabeleceu um programa como, jamais, além dele, ninguém formulara antes de Woodrow Wilson, diz Emilio Ludwig.

A Mensagem de Monroe, em 1823, fôra a grande portadora de idéias que banhara alma de Bolívar, a qual declarava que os Estados Unidos não admitiam que qualquer país europeu intervisse nas Américas, para estabelecer domínio político, porque não havia nelas terras desocupadas, sem que houvesse governos politicamente organizados.

A Mensagem, em essência, visava a proibir a intervenção de nacionalidades européias no continente americano, cujos governos europeus na vida soberana das Américas, porque "perigaria a paz, a segurança do hemisfério qualquer tentativa para estender o domínio político nas terras da América".

Jeferson, em 1808, escrevia ao Governador da Luisiana: "Deveno ter como alvo a exclusão de toda a influência européia em nosso hemisfério. (Hildebrando Acioli, Direito Internacional Público)

John Quincy Adams declarou ao Ministro da Rússia que "os Estados Unidos da América contestaria o direito da Rússia a qualquer estabelecimento territorial no continente americano, e que aquela República sustentava o princípio de que o dito continente deixara de estar sujeito à colonização de todo e qualquer país europeu". (Hildebrando Acioli).

Vê-se, assim, que a idéia de Monroe era o conjunto de pensamentos dos grandes responsáveis estadistas norte-americanos, contrário à intervenção de qualquer governo europeu no continente da América.

A repercussão da Mensagem do famoso Presidente Monroe influiu intensamente no sentimento político de Bolívar, porque os comentários na Europa foram os de que o conteúdo impressionante nela contido "teria sido desafiado a todos os princípios europeus".

Meternich disse: "... verdadeira calamidade o permitir a criação das Repúblicas Sul-Americanas".

Chateaubriand entendera que a "mensagem justificava uma representação conjunta dos poderes europeus contra os Estados Unidos".

Os comentários dos jornais também demonstravam a revolta contra a doutrina de Monroe e alguns perguntavam: — Que poder é esse que não teme alterar a ordem social inteira? (O Pan-Americano e a Opinião Européia, de Orestes Ferrara)

Canning declara: — "Os efeitos do ultraliberalismo dos nossos colaboradores ianques e os do ultra-despotismo de nossos aliados dão-me o equilíbrio de que necessitava", verdadeira frase de esgrima de palavras para ocultar a profunda decepção experimentada.

Bolívar sentiu-se reanimado com a mensagem garantidora da integridade política e territorial do continente americano, e convidou, através de empolgante convocatória, todos os governos da América para a primeira conferência norte-americana, em 1826, com objetivos rigorosamente precisos de libertação e de trabalho, com intuito de proporção

na tranquilidade aos povos que estivessem acordes com os seguintes pontos: Neutralidade ou nenhuma guerra entre as partes; aplicação integral da doutrina de Monroe, para significar que não havia terras do continente que não estivessem subordinadas ao domínio político; o Direito Internacional Público que regula a garantia dos tratados e das relações das nacionalidades entre si, deve ser introduzido na legislação de cada país; ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA; punição ou sanção às partes violadoras dos compromissos assumidos; exército federal (hoje internacional) e frota federal.

Desanimado com as incertezas e vacilações do Congresso, Bolívar desafoga a desesperança momentânea, com a seguinte e dramática advertência:

"O Congresso do Panamá, instituição que deveria ser admirável, se tivesse mais eficácia, não passa de ato semelhante ao daquele louco grego, que pretendia dirigir de uma rocha os navios do mar. Seu poder será uma sombra e seus decretos, conselhos: nada mais".

E arremata:

"Não há boa-fé na América nem entre os homens, nem entre as nações".

"Os tratados são papéis, As Constituições, livros, as eleições, lutas, a liberdade, anarquia e a vida, um tormento". (Bolívar, Emilio Ludwig)

As manifestações históricas que cintilam na atividade dos gênios humanos, na presença dos acontecimentos, têm raízes nas grandes necessidades das nacionalidades. E Bolívar teve incomparável visão dos destinos da nacionalidade e ao libertar cinco nações da América do Sul, sonhava: — "Por que não reunir toda a América Meridional sob um governo único e central? Não devemos esquecer as lições da experiência: O espetáculo que a Europa nos oferece, inundada de sangue para restabelecer o equilíbrio de sua existência, sempre perturbada, deve corrigir nossa política, para salvá-la daqueles sangrentos escolhos".

E continua a tranquila filosofia dos pensadores: "Sei que Sócrates e outros sábios, diversas grandes personalidades, não desprezaram os seus pressentimentos", no entanto, "os verdadeiros filósofos não fazem caso dos pressentimentos, nem acreditam nos presságios; os que comandam devem destruir os efeitos sobre os homens crédulos, como o fez Júlio Cesar".

O que é de admirar é que o próprio Bolívar se envolvia em misteriosas e sombrias preocupações: — "Meus receios são os presságios do destino; os oráculos da fatalidade".

O Tratado da União Liga e Conferência Perpétua entre as Repúblicas da Colômbia, Centro América, foi um dos maiores acontecimentos diplomáticos na vida internacional.

O artigo primeiro diz: As Repúblicas da Colômbia, Centro América, Perú, e Estados Unidos do México ligam-se e contraem um pacto perpétuo de amizade inviolável e de união íntima e estreita com todas e cada uma das ditas partes.

O artigo segundo: O objeto deste pacto perpétuo será sustentar em comum, defensiva e ofensivamente se for necessário, a independência de todos e cada uma das potências confederadas da América, contra toda dominação estrangeira.

Artigo terceiro. As partes contratantes obrigam-se e comprometem-se a defesa mútua de todo o ataque que ponha em perigo a sua existência política. (Em 15 de Julho de 1826).

Para se ajuizar das dificuldades encontradas por Bolívar para a convocação do Primeiro Congresso Pan-Americano, basta recordar que James Blaine, Secretário de Estado da América do Norte, enviou em 24 de Novembro de 1881, convite aos países americanos, encarecendo-lhes a presença à segunda conferência que teria por objetivo "considerar e discutir os métodos de prevenir a guerra entre as nações da América. E Blaine manifestava a aquiescência do

Presidente dos Estados Unidos por achar oportuno o momento para se tratar dos interesses comuns das nações; o Presidente aguardava pleno de segura esperança a ajuda efetiva por onde se demonstrará a "amplitude do comum sentimento e força dos vínculos que unem todas as nações em um grande e harmonioso sistema".

Sempre falando em nome dos Estados Unidos, diz Orestes Ferrara, Blaine assegura a firme determinação de que a América do Norte "tomará parte nas deliberações do Congresso em pé de igualdade com as demais nações nele representadas".

O documento é precioso, porque com surpreendente clareza, traz inscrito o princípio da igualdade das nações, e a nota tumba em ressaltar que os Estados Unidos emporecerão em linha de igualdade com os demais componentes da Conferência Pan-Americana.

Aconteceu, porém, que a imprensa européia recebeu hostilmente a convocatória e foi tão violenta a oposição que os Estados Unidos, dramaticamente, recusaram da responsabilidade evidente de autores da Conferência a cujo retrocesso, inexplicavelmente, deu o Secretário Blaine o qualificativo de "humilhante". Ou melhor: "voluntária humilhação".

Tão aguda foi a pressão européia, tão insistente e tão perseverante, que o Presidente Artur, em mensagem de 18 de Abril de 1882 deu por causa principal do adiamento da Segunda Conferência Pan-Americana, o estado de guerra entre o Chile e o Perú. (El Panamericanismo y la Opinião Europea).

Bolívar resistiu em 1826, corajosamente, e plantou o germe da confiança recíproca, respeito mútuo e defesa das idéias de liberdade. Somente em Outubro de 1889 conseguiram os Estados Unidos a segunda conferência sul-americana.

As frases de encorajamento e solidariedade, diz Orestes Ferrara, não encontraram guarida do outro lado do Atlântico. A imprensa européia combateu doentamente a realização do Congresso Pan-Americano.

Austria declarou que "não via com bons olhos aquela Conferência".

O jornal The Spectator, de Londres, 16 de Novembro de 1889, dizia: "Sentimos profunda compaixão pelos Delegados do Congresso Pan-Americano".

Le Voltaire, em 1889, dizia: "As concessões políticas e econômicas nunca entrarão no campo das realidades".

Le Telegraph, 1890, afirmava:...

"trata-se de combinar intrigar, concluir mercados e preparar acontecimentos".

Le Journal de Saint-Petersbourg, 1890, comentava: "... a impossibilidade evidente de reprimir as paixões humanas se manifesta por meio de uma guerra".

Il Século, de Milão: "Contra esta eventualidade (compra de mercadorias nos Estados Unidos mais baratas do que na Europa pelos latinos americanos), as populações e os governos devem pronunciar-se".

Le Matin, em 1889, observava: "Ainda mesmo que a América Latina tivesse interesse em abandonar-se nas redes que se lhe abre o colosso do Norte, é pouco provável que não tome em consideração as consequências desastrosas que o estabelecimento de um Zolverein americano lhe daria em futuro próximo".

La Revue Diplomatique, 1889, escrevia: "É dever imprescritível dos Delegados da América Latina defender a sua bolsa, a sua independência e a sua dignidade".

Estas citações, tirou-as Orestes Ferrara do livro Le Congrès des Trois Amériques e faz notar que a onda agressiva de opiniões era tão gritante na Europa, que Jacinto Castellanos deu entrevista ao New York Herald, nos seguintes termos: "Não nos deixaremos influenciar em absoluto por ameaça de periódicos ingleses e outras nações. Quando as nações do Centro e do Sul da América estudaram os fins da Conferência não se deixaram levar pela imprensa européia, que desejava evitar-lhe o êxito".

Sem estas rápidas citações, o sentido da primeira Conferência poderia perder maior valia, mas com ligeiro conhecimento delas, como estudo histórico, Bolívar agiganta-se no tempo à medida que lhe estudarem a espantosa resistência e o incomparável valor político. Por essa razão, o Brasil deve prestar-lhe no bronze a homenagem de sua admiração e reconhecimento".

Deste parecer do Senador paranaense resultou a Lei n.º 1.327 de 24 de Janeiro de 1951 do seguinte e inteiro teor:

Art. primeiro. É o Governo Federal autorizado a mandar erigir na cidade do Rio de Janeiro, um monumento à memória de Simon Bolívar.

Art.º 2.º É o Poder Público autorizado a abrir pelo Ministério da Fazenda o crédito especial de 3.000.000,00 (três milhões de cruzeiros) para atender as despesas decorrentes do artigo primeiro desta Lei".